

Cristina Menezes

MARIANA LAGE

Numa conversa com Cristina Menezes, arquiteta que projetou o espaço restaurante da Mostra Morar Mais, o que mais se destaca em sua vida profissional e afetiva é a forma batalhadora com que ela se lançou em busca de seus desejos.

“Sempre fui muito determinada e muito objetiva”, define-se a arquiteta, que recebeu em março deste ano o prêmio Kitchen Design Contest de Palm Beach, de 2008/2009, no qual concorreu com mais de 1.400 candidatos em todo o mundo.

Com 25 anos de profissão, Cristina relembra que os primeiros passos de sua carreira iniciaram-se com a função de copista (desenhista de projetos) numa época em que os macintosh começavam a se difundir, em meados da década de 80. Ao lado de uma amiga, abriu um escritório no 4º período da faculdade e deslancharam. Contudo, foi dando a cara a tapa que Cristina começou a ter maior diversidade de clientes. Ela resolveu lançar um serviço pouco conhecido, a decoração por consultoria, e começou a trabalhar com arquitetura de interiores.

“Naquela época, o arquiteto era muito distante do cliente, era estigmatizado como um profissional de elite”, lembra. “A arquitetura é uma profissão super abrangente e é para to-

dos nós. Acredito que todo mundo tem que morar bem”, defende.

E foi a partir dessa visão mais humanista de sua atividade que a arquiteta se desenvolveu e se destacou profissionalmente. “Nós lidamos com seres humanos, trabalhamos com seus sonhos. Morar bem é para todos. Essa é a minha grande referência”, expõe.

Por isso, ela explica que o diferencial do arquiteto está em ter sensibilidade suficiente para captar o gosto e a identidade do cliente, abordando a arquitetura de interior pelo lado pessoal e subjetivo. “Como a roupa que, quando é realmente da sua cara, você não a tira do corpo, a casa tem que ter a cara do morador. Quando o estilo é verdadeiro e inteiro, a casa tem equilíbrio e harmonia”, afirma.

O lado mais humano, mais afetivo de sua atividade – em momentos em que ela escuta os clientes, participa de seus conflitos, dá conselhos, pondera etc – costuma render brincadeira entre seus amigos. “Eles falam que eu deveria transformar o escritório de arquitetura em escritório de psicologia”, conta, entre risos.



Esteio

“Minha relação com a família é super intensa. Não tenho filhos, mas sempre fui muito agarrada a todos, pais, irmãos, sobrinhos. Tudo o que eu colho de bom, divido com eles. É meu porto seguro, onde eu realmente busco todo o meu apoio”.



Renovação

“Uma das coisas que amo de paixão é viajar. É quando eu me renovo. Viajo pelo menos duas vezes ao ano e cada vez vou para um lugar diferente. Gosto de conhecer diferentes culturas e, acredito, é fundamental para arquitetura”.

Fé

“Eu tenho uma tia que é muito religiosa. Quando ela sofreu a perda de um filho muito jovem, ela me deu, no meu aniversário, uma imagem da Nossa Senhora Desatadora de Nós. Há dez anos, eu conheci a fé. Hoje, me tornei uma pessoa com muita fé. Não sou de frequentar igreja, mas todo dia eu rezo”.



Reconhecimento

“Acredito que o prêmio (de Palm Beach) veio como uma coroação, como a sobremesa de toda a minha carreira, já que faço agora 25 anos de formada. É o primeiro prêmio internacional que ganho e ele começa a divulgar meu trabalho lá fora”.

